



## **PIBID GEOGRAFIA E A INTERDISCIPLINARIDADE COM A EDUCAÇÃO FÍSICA: JOGAR HANDBOL E APRENDER CARTOGRAFIA**

**Wesley Erasmo Alves Boitrigo**<sup>1</sup>  
wesleyboitrigo.boc@outlook.com

**Cristiane Ribeiro Azevedo**  
dia12ano12@gmail.com

**Pedro Henrique Maia de Carvalho**<sup>2</sup>  
pedro\_maia15@hotmail.com

### **Resumo**

*Este artigo discute os elementos que compõem o ensino cartográfico. Destaca a importância de trabalhar a interdisciplinaridade para a compreensão do conteúdo em questão, a Cartografia. Visa também, as contribuições que o PIBID proporciona para fortalecer a carreira docente e a escola básica brasileira. Por fim, relata a experiência da aplicação de uma oficina denominada “Handbol Cartográfico”. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é apresentar uma oficina realizada pelo PIBID Subprojeto Alfabetização Cartográfica. A metodologia empregada no trabalho, consistiu em revisão bibliográfica de temáticas como Cartografia Escolar, lúdico e Interdisciplinaridade, e relato dos procedimentos de produção e aplicação da oficina.*

**Palavras-chave:** PIBID, Ensino cartográfico, Interdisciplinaridade.

### **Introdução**

O presente artigo tem como destaque o ensino cartográfico, a interdisciplinaridade e uma intervenção, que contribuiu na formação do conhecimento geográfico de uma maneira geral. O objetivo desse trabalho consistiu em apresentar uma oficina realizada pelo PIBID Subprojeto Alfabetização Cartográfica, da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), onde eram desenvolvidos os trabalhos na Escola Estadual Dom Aristides Porto, situada na cidade de Montes Claros-MG.

---

<sup>1</sup> Acadêmicos do curso de Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.

<sup>2</sup> Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU, bolsista FAPEMIG.



A metodologia empregada no trabalho consistiu em revisão bibliográfica de temáticas como Cartografia Escolar, lúdico e Interdisciplinaridade, além de relato dos procedimentos de produção e aplicação de oficina.

Nesta perspectiva, o trabalho imbuu-se de mostrar a aplicação de uma oficina de forma a propor meios de inovar as aulas tradicionais, com uma sugestão que abrange discentes enquanto seu processo ensino aprendizagem, instigando os mesmo a se tornarem cidadãos pensantes e críticos, contribuindo na formação de sua cidadania.

### **PIBID, Cartografia Escolar e o lúdico entre Geografia e Educação Física ...**

O Programa de Bolsa de iniciação a Docência (PIBID), é um programa de responsabilidade da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), de âmbito federal, que visa o incentivo e a formação inicial do docente. Nessa perspectiva, a CAPES proporciona através do programa, uma interação entre os acadêmicos da graduação em licenciatura e a educação básica, contribuindo no aperfeiçoamento dos futuros professores.

O programa segue preparando o acadêmico da licenciatura para a realidade das escolas que irão encontrar depois de formados. O estreitamento dessa relação universidade – educação básica torna-se importante ao passo que durante a graduação a carga horária teórica se sobrepõe a carga horária prática, esse estreitamento promove o encurtamento da disparidade entre a academia e a realidade escolar, já que do programa, são realizadas atividades que perpassam o ensino, a pesquisa e a extensão.

A possibilidade de aprendizado durante as oito horas semanais de exercício dos acadêmicos no PIBID pode ser estabelecida em consonância com os professores, nessa ocasião, a troca de conhecimento é algo bastante oportuno. O acadêmico aprende com o professor supervisor, responsável por todas as atividades em ambiente escolar, e com o professor coordenador, responsável por toda a parte acadêmica do programa. Assim, acadêmicos aprendem a lidar e superar as dificuldades encontradas no espaço escolar, tornando mútuo o processo ensino aprendizagem entre acadêmico e professor.

O projeto que iremos abordar nesse trabalho é o PIBID Geografia Subprojeto Alfabetização Cartográfica da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Este Subprojeto teve sua vigência de março de 2014 a março de 2018 e obteve alguns resultados



nesse tempo, o qual um deles, será relatado neste trabalho. Ao longo desses anos trabalhamos com os anos finais do ensino fundamental e ensino médio na escola estadual onde funcionava o Subprojeto em Montes Claros – Minas Gerais.

A Cartografia é um tema relevante na formação dos estudantes, contudo, foi percebido no decorrer dos anos de vigência do programa que os discentes da escola em questão, possuíam uma dificuldade de aprendizado quanto à Cartografia. Sendo assim, o Subprojeto Alfabetização Cartográfica proporcionou a possibilidade de ampliação do conhecimento em relação à leitura cartográfica, o que repercute na melhoria do aprendizado em Geografia, de maneira geral, já que a interpretação de mapas perpassa por qualquer conteúdo dessa disciplina.

O ensino de Cartografia é muito importante para o indivíduo, sendo necessário alfabetizá-lo cartograficamente enquanto estiver no período da educação básica, para que se possa desenvolver a percepção dos espaços vividos e as suas realidades, além de contribuir na construção do conhecimento robusto e transformador que integrem a todos na busca de novos saberes.

A Cartografia está inserida no cotidiano dos discentes, pois estes necessitam se locomover diariamente, fazendo uso da orientação através dos pontos cardeais e colaterais, e até mesmo pela posição do sol, há também aqueles que utilizam de tecnologias cartográficas diariamente. Muitas das vezes, a Cartografia é utilizada sem que o cidadão perceba, assim, para agregar maior sentido ao ensino da Cartografia e concomitantemente a Geografia, aceitamos o desafio da alfabetização cartográfica neste Subprojeto do PIBID.

O ensino cartográfico é complexo de se trabalhar no ensino fundamental, mais precisamente com os estudantes dos sextos e sétimos anos, pois estes, saem dos anos iniciais do ensino básico conhecendo de maneira sucinta sobre esse conteúdo. Com uma base pouco sólida sobre esse assunto, é indispensável que se abranja a temática de maneira mais profunda no decorrer de sua vida estudantil, seja nos anos finais do ensino fundamental ou médio. A intenção é colaborar para o desenvolvimento da leitura de mapas e instigarem ao raciocínio geocartográfico e não apenas mostrá-los ou ilustrá-los, mas desperta-los para o conhecimento. Neste sentido, o uso dos mapas e sua interpretação, Almeida (2001, p.18) afirma que:



[...] sabe-se que na escola o uso de mapas tem se restringindo, na maior parte dos casos, a ilustrar ou mostrar onde as localidades ou ocorrências estão. Por outro lado, a formação de cidadão não é completa se ele não domina a linguagem cartográfica, se não é capaz de usar um mapa.

A interpretação dos mapas deve refletir na realidade, nos espaços vivenciados pelos alunos, não basta só a leitura, a localização ou memorização, o mapa deve ser objeto de análises, compreensões e interpretações. Assim, contribuir-se-ia na formação de pessoas capazes de perceber da melhor forma as suas realidades, este é um passo importante para a cartografia escolar, e se dado através de métodos e técnicas inovadoras atuantes nas escolas seria de melhor valia para o processo ensino aprendizagem.

O ensino cartográfico contribui na formação prática dos alunos, o Parâmetro Curricular Nacional (PCN), aponta que a cartografia

[...] possibilita ter em mãos representações dos diferentes recortes desse espaço e na escala que interessa para o ensino e pesquisa. [...] torna-se necessário, também, que essas informações se apresentem espacializadas com localizações e extensões precisas e que possam ser feitas por meio da linguagem gráfica/cartográfica (PCN, 1998, p.76)

Nessa perspectiva, ao aprender a linguagem gráfica/cartográfica o educando poderá compreender de maneira mais eficaz os acontecimentos que circundam a sua realidade vivenciada, e se trará um cidadão mais esclarecido ao entender mapas que representam, por exemplo, mudanças dos fenômenos climáticos, expansão do espaço urbano, crescimento econômico de regiões, dentre outros (PCN 1998).

Com o desenvolvimento e inovações tecnológicas abriu-se uma variedade de ferramentas que auxiliam o professor nessa tarefa da formação crítico-reflexiva do discente, mas estes artefatos carecem de cuidados ao serem aplicados no ensino cartográfico, assim, elaborar um plano de aula coeso com a realidade em que está inserido, trará mais chances de alcançar os objetivos almejados.

Ferramentas como o Sistema de Posicionamento global (GPS), Google Mapas, Google Earth, atlas, mapa mural e livros didáticos, são recursos disponíveis para que o professor possa elaborar suas aulas com atividades interativas que leve os educandos a questionar, analisar, criticar. Seguir essa vertente, evita que estudantes caiam em meios arcaicos de aprendizagem



que concerne em memorizar de forma repetitiva o conteúdo, propiciando assim uma percepção de uma matéria chata e enfadonha (LOCOSTE, 1989).

Vale destacar, que se os professores dispuserem apenas de recursos mais simples em seu ambiente escolar, como cartolina, lápis de cor, régua e tesoura, não os impede de sair idéias que atingem objetivos de aulas interessantes para o ensino aprendizagem em Cartografia.

Desta forma, o Subprojeto contribuía tanto para os acadêmicos da Unimontes em sua formação docente como para o processo de ensino aprendizagem dos discentes da escola. Para atingir tal objetivo, eram elaboradas intervenções que fossem atraentes ao olhar dos educandos da educação básica aguçando em cada prática a necessidade de pensar e refletir. As intervenções eram divididas em atividades em sala de aula, aplicação de oficinas ou minicursos no contra turno. As atividades eram diferenciadas, o que provocava interesse nos discentes, levando-os a terem maior participação e contribuindo para uma formação de cidadãos pensantes e críticos.

Segundo Almeida (2003), a inclusão de atividades lúdicas como os jogos já era enfatizada como de extrema importância por Platão que atribuía valor moral, educativo, intelectual, agregador de caráter e personalidade ao indivíduo. Com a instauração do cristianismo como religião o lugar pertencente ao lúdico foi se dissipando, pois os jogos eram julgados como imorais e sem valor. Por volta do século XVI os jogos tiveram novamente reconhecimento sendo retomados pelos jesuítas e inseridos nas escolas, pouco a pouco os jogos foram deixando de ser vistos com maus olhos pela igreja e pelas pessoas, ganhando mérito e indo além das atividades escolares tradicionais. Segundo Smaniotto (2012 p.22):

Alguns professores ainda persistem em ver o jogo apenas como um momento de recreação e como coisa inútil, por isso é importante que os pais e os educadores reflitam sobre a importância dos jogos para a vida escolar da criança e repensem sobre a proposta dos jogos serem utilizados como recurso pedagógico.

Para tanto, ao preparar as intervenções a serem aplicadas observamos que o processo de ensino aprendizagem clássico de sala de aula, com aulas tradicionais embasadas em quadro, giz e explicações orais do professor torna as aulas, notoriamente, com maior grau de dificuldade para cativar a atenção dos educandos. Torna-se indispensável ao desenvolver projetos como o



PIBID, se atentar a novas didáticas e metodologias a fim de contribuir para um processo mais dinâmico no ensino aprendizagem. Tendo essa concepção em mente tomamos como importante a visão de Santos (2004, pag. 17) uma vez que:

Quando propugnamos uma nova geografia, isso pode, à primeira vista, parecer uma enorme pretensão, como se nos dispuséssemos a inventar o novo. A verdade, porém, é que tudo está sujeito à lei do movimento e da renovação, inclusive as ciências. O novo não se inventa, descobre-se.

Vale destacar que ao enfatizar as atividades lúdicas, contribui-se fortemente na aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo do discente, os jogos auxiliam também na disciplina, uma vez que estes estabelecem regras a serem seguidas em grupo, favorecendo assim, a inclusão do indivíduo em convivência com o coletivo.

Nesta conjuntura, elaboramos uma intervenção do PIBID subprojeto Alfabetização Cartográfica junto ao professor de Educação Física da escola onde funcionava o Subprojeto. A escolha da parceria com este professor deu-se pelo fato dos discentes gostarem das aulas da referida disciplina, o que casaria com a proposta que queríamos desenvolver, sendo esta, envolvendo jogo de Handbol e a Cartografia, o que culminaria em uma interdisciplinaridade.

A interdisciplinaridade é uma proposta onde duas ou mais disciplinas se relacionam fora ou dentro da sala de aula, com o objetivo de ampliar o conhecimento dos discentes, amenizando as dificuldades encontradas na compreensão do conteúdo, uma vez que, a abordagem interdisciplinar contribui para sanar as lacunas que permeiam no entendimento dos conteúdos. Logo, a interdisciplinaridade é planejada pensando em uma prática dinamizada, que traga facilidade para o aprendizado do discente.

A Geografia é uma ciência que tem como objeto de estudo o espaço geográfico e suas relações homem/meio, o que torna amplo as questões que envolvem a Geografia e outras disciplinas, tais como, água, biomas, solos, economia, dentre outros, tornando-a de fácil diálogo com outras matérias do espaço escolar. Desta forma,

O interdisciplinar consiste num tema, objeto ou abordagem em que duas ou mais disciplinas *intencionalmente* estabelecem nexos e vínculos entre si para alcançar um conhecimento mais abrangente, ao mesmo tempo diversificado e unificado. Verifica-se nesses casos a busca de um entendimento comum (ou simplesmente partilhado) e o envolvimento direto dos interlocutores. (JAPIASSU, *apud* SOMMERMAN, 2006, p. 30)



É a conectividade entre as disciplinas que surge a alternativa de abranger um novo meio para o conhecimento, contudo, deve-se ressaltar que cada uma possui as suas particularidades. Neste caso, a abordagem é do conteúdo em comum entre elas, uma vez que há um eixo integrador entre ambas.

Além disso, essa prática proporciona a interação com o cotidiano do educando, trazendo para a discussão acontecimentos atuais e de sua própria realidade, que são comumente difundidas nos meios de comunicação, tais como poluição das águas, degradação dos solos, queda na economia de países, temáticas tratadas frequentemente em várias disciplinas escolares. Cavalcanti (2002, p. 33,34), afirma que a prática cotidiana dos alunos é “[...] plena de espacialidade e de conhecimento dessa espacialidade. Cabe à escola trabalhar com esse conhecimento nos espaços, discutindo e ampliando, alterando, com isso, a qualidade das práticas dos alunos, no sentido de uma prática reflexiva e crítica”.

### **A Oficina Handbol Cartográfico**

No período que envolve a etapa de observação em sala de aula do Subprojeto, constatamos que os escolares do sexto e sétimo ano do ensino fundamental possuíam dificuldades em questões envolventes a orientação, no que diz respeito aos pontos cardeais e colaterais, o que dificulta colocarem em prática em seu cotidiano.

A dificuldade expressada está relacionada, dentre outros fatores, como o tempo que se tem para se ensinar Geografia em sala de aula e, em se tratando de Cartografia, deveria ter uma atenção maior para esse conteúdo, haja vista que Geografia não caminha separada da Cartografia. Além de uma sala de aula superlotada, então, como dar atenção para alunos específicos, com dificuldades no tema. Fora isso, a falta de interesse do discente, o que faz com que o professor tenha que planejar algo diferenciado.

Neste contexto, planejamos uma oficina<sup>3</sup> juntamente com o professor de Educação Física, na tentativa de atingir melhores resultados no ensino aprendizagem dos discentes. Ficou decidido, que a atividade aconteceria na quadra da escola e para desenvolvimento dessa prática

---

<sup>3</sup> A oficina foi inspirada na prática de ensino proposta pelo LABETATE.  
Fonte: [http://www.labtate.ufsc.br/aulas/escala\\_orientacao.pdf](http://www.labtate.ufsc.br/aulas/escala_orientacao.pdf)

foi confeccionado uma rosa-dos-ventos que serviu de material didático para melhor explanação do conteúdo, utilizamos também bola, coletes para separar os times e símbolos pregados no chão em papel A4 com números e letras.

A primeira etapa da prática de ensino levamos os educandos para a quadra e fizemos um círculo para melhor explicação sobre os pontos cardeais e colaterais, já que, o jogo seria embasado no direcionamento desses pontos, a figura I mostra essa parte da intervenção.

**Figura I:** Explicação dos pontos cardeais e colaterais para os participantes da oficina.



**Autor:** Carvalho, P.H.M. d., 2016.

Foi possível frisar que para encontrarmos o Leste necessita-se apontar o braço direito para a direção onde o sol nasce, os demais pontos serão visivelmente, Norte a frente, Oeste na direção do braço esquerdo e Sul as costas, a partir desses pontos cardeais reforçaram-se os demais pontos da rosa-dos-ventos que também seriam de grande importância para realização do jogo.

Essa etapa da intervenção foi muito proveitosa, ao retirar os meninos/as da sala de aula, gera um ar mais descontraído e a aula ganha uma denotação de recreação. Neste momento os discentes conseguiram entender melhor sobre os pontos cardeais e colaterais de orientação, utilizando como apoio a rosa-dos-ventos.

Na segunda etapa da dinâmica, após os educandos entenderem a parte teórica, partimos para a parte prática da oficina, em que os estudantes iriam exercitar os seus conhecimentos. Nessa etapa espalhamos pontos com símbolos (números e letras) ao redor da quadra e





colocamos cada estudante em pontos pré-determinados onde os símbolos se encontravam, perfazendo dois times, a figura II exemplifica o exposto.

**Figura II:** Jogo Handbol Cartográfico.



**Autor:** Carvalho, P.H.M. d., 2016.

O jogo baseou-se nos princípios do Handbol com uma parcela de modificação, já que não havia a possibilidade dos jogadores se moverem. Os discentes foram posicionados respectivamente na quadra da escola a partir de pontos pré-determinados (símbolos com números e letras no chão). Cada aluno em sua posição deveria passar a bola para o colega seguinte e assim por diante até que a bola chegasse às mãos do colega mais próximo ao gol, esse por sua vez faria o arremesso da bola.

Os pontos de orientação da rosa dos ventos seriam utilizados para que houvesse o arremesso de um discente para o outro, uma vez que, hipoteticamente, se a intenção seria jogar para um colega do seu time a sua frente dever-se-ia recordar os pontos cardeais ou colaterais e citar a direção a qual iria passar a bola. Ao chegar ao final do jogo, venceria quem conseguisse marcar o maior número de gols, sendo estes os que conseguissem se locomover através dos pontos e chegar o maior número de vezes perto do gol para arriscar o arremesso.

Essa prática possibilitou um enorme clareamento nas ideias dos meninos/as de como se locomover, se orientar no espaço geográfico. Mas, vale destacar que houve algumas dificuldades ao aplicar a oficina e o docente deve se ater para esse ocorrido ao aplicar uma intervenção como essa. Devido ao fato de haverem duas equipes, uma ficando oposto a outra em suas posições na quadra, os discentes fizeram confusão quanto a questão de sua posição e a



lateralidade, uma vez que, deve se reparar a forma que a rosa dos ventos estiver inserida na quadra, já que esta, é o ponto de referência para os estudantes.

### **Considerações Finais**

A oportunidade de atuar lado a lado com professor que o PIBID ofereceu, disponibilizou aos acadêmicos licenciandos em Geografia conhecer novos métodos, participar da confecção de materiais para realização das aulas e oficinas, colocar em exercício conceitos aprendidos na graduação que muitas vezes são abstratos quando pensamos em uma didática escolar, que vá transmitir de forma eficaz, já que, é possível notar que a linguagem que se utiliza na academia não é de toda forma eficaz no ambiente escolar, devendo esta ser mais lúdica, clara e coesa para que os discentes entendam melhor.

O Subprojeto em questão, oportunizou o engrandecimento como acadêmicos e futuros professores, é um ensaio onde conseguimos desenvolver novas metodologias e realização da oficina Handbol cartográfico contribuiu de imensa forma para por em prática e fixar os pontos cardeais e colaterais e os conceitos de orientação, além de poder desenvolver uma prática interdisciplinar. Foi um momento impar tanto para acadêmicos do PIBID, em sua formação à docência, quanto para o aperfeiçoamento da dinâmica do professor ao ministrar aulas fora de sala, e principalmente para os discentes que puderam de forma prazerosa através deste processo, crescer como colegas, trabalharem em grupo para chegarem ao objetivo, que neste caso consistiu em desenvolver os conhecimentos adquiridos em sala correspondentes a Cartografia.

### **Referências**

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica:** técnicas e jogos pedagógicos. 11ªed. São Paulo: Loyola, 2003.

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Do desenho ao mapa:** iniciação cartográfica na escola. São Paulo: Contexto, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Geografia /Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAVALCANTE, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.

LACOSTE, Yves. **A geografia isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** 2. ed. Campinas: Papyrus, 1989.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova:** da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6ª ed. São Paulo: UDUSP, 2004.

SMANIOTTO, Monica Miyashiro. **O brincar e o processo de desenvolvimento da criança na educação infantil.** São Paulo: Faculdade Cenequista de Capivari, 2012.

SOMMERMAN, Américo. **Inter ou transdisciplinaridade? da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes.** São Paulo: Paulus, 2006.